



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778  
Nº 5, volume 5, artigo nº 106, Julho/Dezembro 2019  
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a106>  
Edição Especial

## **O FAZER ÉTICO NOS ESTÁGIOS EM PROCESSOS CLÍNICOS EM PSICOLOGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.**

**Matheus do Carmo Miranda<sup>1</sup>**

Discente de Psicologia da UniRedentor

**Guilherme Elias Amancio Candido**

Discente de Psicologia da UniRedentor

**Poliana Cabral de Oliveira**

Discente de Psicologia da UniRedentor

**Renata Domingues Gonçalves C. de Sousa<sup>2</sup>**

Docente do curso de Psicologia da UniRedentor

**Denise Ribeiro Barreto Mello<sup>3</sup>**

Coordenadora e Docente do curso de Psicologia da UniRedentor

### **Resumo**

O presente estudo realiza uma pesquisa exploratória com os discentes do sexto período de Psicologia do Centro Universitário Redentor, em razão de que esses estão realizando seus primeiros estágios na ênfase curricular de Processos Clínicos em Psicologia. Como objetivo o artigo visa possibilitar uma reflexão acerca desses estágios, visando também a construção de pontes entre teoria e a prática e a busca por parâmetros a se seguir. A metodologia utilizada para obter resultados nesse estudo exploratório foi a Análise de Conteúdo de Bardin, sendo que essa destaca aspectos importantes em uma pesquisa de cunho qualitativo. Em virtude do que se buscou explorar nesse estudo, foi possível perceber que a teoria e a prática estão ligadas em um processo de permitir ao estagiário um alcance sobre o fazer em psicologia enquanto algo que é construído na práxis cotidiana. Diante disso, será possível alcançar uma concepção generalista quantos aos fenômenos psicológicos, bem como promover nesse estagiário uma reflexão acerca da sua posição enquanto profissional da saúde mental.

**Palavras-chave:** Estágio; Ética; Psicologia; Processos Clínicos.

### **Abstract:**

The present study conducts an exploratory research with the students of the sixth period of Psychology of the Centro Universitário Redentor, because they are performing their first stages in the curricular emphasis of Clinical Processes in Psychology. The objective of the article is to enable a reflection on these stages, also aiming to build bridges between theory

and practice and the search for the following parameters. The methodology used to obtain results in this exploratory study was the Bardin Content Analysis, which highlights important aspects in a qualitative research. In light of what we sought to explore in this study, it was possible to see that theory and practice are linked in a process of allowing the trainee to reach out to do in psychology as something that is built on everyday praxis. Given this, it will be possible to reach a generalist conception regarding psychological phenomena, as well as promote in this intern a reflection about his position as a mental health professional.

**Keywords:** internship; ethic; psychology; clinical processes.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo tem a finalidade de questionar a postura que o estagiário precisa conservar no campo dos Processos Clínicos em Psicologia, sendo esse um campo com múltiplas possibilidades de atuação para o psicólogo. Um dos parâmetros para a atuação em psicologia é a ética, que permeia todas as relações em sociedade, sendo essa segundo Valls (1994) uma reflexão do indivíduo acerca das regras morais, considerando-se que a interpretação da moral vai se dar de acordo com o que cada um pensa.

Os Processos Clínicos em Psicologia são modos de atuar dentro da Psicologia Clínica, ao passo que nesse não é necessário que o psicólogo atue enquanto um psicoterapeuta, mas como um agente transformador em saúde mental. O profissional atua nesse meio como aquele que valida uma terapêutica, sendo essa advinda de uma urgência subjetiva. Além disso, essa atuação promove intervenções em crises, onde se exerce uma influência no funcionamento psicológico dos indivíduos naquele momento pelo qual há um desequilíbrio, posto que esse profissional vai promover um alívio diante desse evento impactante e traumático (PARANHOS; WERLANG, 2015).

Os estágios voltados para essa ênfase propõem ao discente um contato mais genuíno com o fazer da ciência psicológica, uma vez que esses estão para além de uma conduta rígida; de uma divisão teórico-prática; de um setting estabelecido como por exemplo: as visitas domiciliares, os atendimentos nas urgências e emergências, nos ambulatórios públicos e entre outros dispositivos. Dessa maneira, deixa-se de produzir algo só à nível individual, já que o psicólogo amplia seu modo de atuar profissionalmente.

Em vista disso, o objetivo central desse estudo é possibilitar uma reflexão a respeito dos estágios em processos clínicos, considerando esse fazer ético que perpassa essa atuação cotidiana na vida dos profissionais. Para esse fim, um dos objetivos específicos é a necessidade de construir pontes entre teoria e prática; assim como também buscar parâmetros

para se guiar nesse momento, posto que na psicologia se faz necessário se embasar em algo sólido.

Enquanto metodologia de pesquisa, será utilizado uma abordagem em pesquisa qualitativa, em razão de que essa possibilita olhar para os fenômenos em sua amplitude. Para alcançar esses objetivos vamos nos utilizar da pesquisa exploratória, que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. E como procedimento caminharemos por meio da pesquisa de campo, uma vez que essa possibilita um contato maior para com o objeto de pesquisa.

Com esses objetivos delimitamos se será possível construir uma discussão acerca do que os estágios em processos clínicos proporcionam aos discentes. Para Aguirre et al. (2000) essa atitude clínica construída nos estágios é uma experiência subjetiva que acaba se tornando objetivada na relação que se estabelece com o cliente. Ou seja, essa postura se torna algo efetivo quando esse estagiário começa a perceber a sua importância naquele campo para o seu cliente, como também essa percepção que o cliente tem sobre ele.

Um outro ponto em que esses objetivos vão se ater é na questão da ética no âmbito dos estágios, pois essa tem um peso significativo na vida dos estagiários estando ela vinculada a postura que esse deve exercer. O que garante a qualidade e a eficácia das nossas intervenções, está para além das teorias, das estratégias de intervenção e das normativas profissionais. Ou seja, a atuação em psicologia não vai se ater a uma regra decretada, todavia não significa que não seja necessário haver um cuidado maior para com a forma de se conduzir esse processo (OLIVEIRA, 2015).

Sobretudo o que se busca com esse estudo é proporcionar um diálogo sobre esse decurso que ocorre ao longo dos estágios em processos clínicos, assim como também entender os sentimentos, reflexões e dilemas que o estagiário vivencia em suas experiências em campo. Em virtude desses dados mencionados, visa-se alcançar uma reflexão a respeito dos estágios em psicologia e possíveis temas de pesquisa no futuro, uma vez que a psicologia está sempre em evolução demandando dos profissionais e estudantes atualização.

## **2. DELIMITAÇÃO DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo se desenvolveu no primeiro semestre do ano de 2019. A princípio, os pesquisadores tinham em mente realizar uma revisão de literatura sobre a temática, contudo surgiu a oportunidade de realizar essa pesquisa exploratória com os discentes do sexto período de Psicologia do Centro Universitário Redentor, posto que esses estão realizando os primeiros estágios supervisionados em ênfase em processos clínicos em psicologia.

Com os objetivos traçados através de discussões entre os alunos e orientadores de pesquisa, ficou acordado que seria realizado uma entrevista semiestruturada com esses

estagiários. A construção da entrevista foi debatida entre esses e uma das professoras responsáveis pelo andamento da orientação, sendo que essa entrevista seria aplicada de acordo com a vontade e disponibilidade dos estagiários.

Essa turma possui atualmente 20 estagiários em campo. A abordagem ocorreu no próprio lócus da instituição, pois a disponibilidade dos participantes da pesquisa só poderia ser no horário em que eles estavam na instituição, por conta de deslocamentos, residir em outros municípios e entre outras questões. O instrumento utilizado para obter os dados dos participantes foi uma entrevista semiestruturada que continham questões sobre: as experiências dos estagiários; sobre o papel da supervisão nos questionamentos do campo; como os estagiários lidam com a sua posição transferencial diante dos pacientes; o impacto que a atuação do psicólogo tem na vida dessas pessoas; mudanças que aconteceram a partir do início dos estágios e os principais dilemas e reflexões éticas advindas do estágio.

O procedimento se deu da seguinte maneira, dos 20 estagiários que estão matriculados na unidade curricular de estágio supervisionado em processos clínicos, 11 optaram por não participar da pesquisa. Segundo esses, 5 não estavam à vontade em responder essas perguntas sobre o estágio, em razão de que eles tinham receio de detalhar experiências ou falar de questões que poderiam atrapalhar a sua conduta ética nos estágios. Os demais não apresentaram uma justificativa do porquê não participariam do estudo.

Para aqueles que aceitaram o convite, deixou-se claro que esses dados só seriam de acesso dos pesquisadores e de uma das orientadoras, dado que a outra orientadora da pesquisa também é supervisora dos alunos em estágio, e, portanto, não caberia que esses dados fossem analisados por ela. Desse modo, foi apresentado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que eles pudessem entender os objetivos da pesquisa, assim como também o rigor e o compromisso que esse termo possui.

É importante salientar que dos 9 participantes da pesquisa, 6 são do sexo feminino e 3 são do sexo masculino. Além disso, as idades desses participantes variam entre 18 a 50 anos. As informações coletadas dos participantes foram gravadas e transcritas de forma literal para posterior análise. Por meio da metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (1977), utilizou-se uma de suas técnicas de análise das relações apresentadas em seu texto, na qual ele a denominou de Análise estrutural.

Na análise com caráter <<estrutural>>, não se trabalha mais (ou jamais só) na base da classificação dos signos ou das significações, mas debruçamo-nos sobre o arranjo dos diferentes itens, tentando descobrir as constantes significativas nas suas relações (aparentes ou latentes) que organizam estes itens entre si. (BARDIN, 1977 p.205)

Após transcrever as entrevistas realizadas, os pesquisadores começaram a analisar as respostas dadas pelos participantes. A partir dessas falas foi possível retirar pequenos fragmentos ou palavras que definiam o significado dessa experiência, bem como fazer a

comparação entre os posicionamentos de um para o outro. Levando em conta a ótica de Bardin (1977) a análise propõe esses aspectos:

Contudo os procedimentos estruturais impregnam certas análises, e com maior ou menor pertinência, elegância, eficiência, existem modelos, matrizes, estruturas – simples ou complexas – que emergem das leituras sistematizadas dos discursos. (BARDIN, 1977 p.206)

Em vista desses ângulos pontuados acima, utilizando-se desse mecanismo de análise que o autor descreve, possivelmente alcançaremos uma reflexão mais concisa e objetiva do que os estagiários nos relataram nas entrevistas realizadas. Sendo assim, a análise abaixo destaca pontos essenciais dos quais retiramos para reproduzir uma discussão em relação ao tema proposto.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A análise a seguir apresenta o tratamento dos dados coletados das entrevistas realizadas com os estagiários de psicologia do Centro Universitário Redentor. Essas perguntas realizadas nas entrevistas serão exemplificadas por tópicos que resumem o cerne das questões. Ademais, os fragmentos analisados foram correlacionados entre as respostas dos 9 participantes, tendo como propósito encontrar concomitância entre os dados obtidos.

#### **3.1 EXPERIÊNCIAS**

Nesse primeiro momento, analisamos fragmentos extraídos das entrevistas que se relacionam com a primeira pergunta sobre as experiências que o estágio vem proporcionando aos alunos. Dos 9 estagiários que participaram da entrevista, foi possível retirar da fala de duas das alunas, o fragmento de que o estágio proporciona experiências “desafiantes” a elas. O estágio se caracteriza em um contexto de uma pluralidade de cognições e afetos, ao passo que nesse se alcança os momentos mais desafiantes e ricos do percurso de vida acadêmica de um estudante de psicologia (BARBOSA; LAURENTI; SILVA, 2013).

Dentro desses fragmentos foi analisado o que poderiam ser essas experiências desafiantes que foram afirmadas por elas. Sendo assim, encontramos em um dos entrevistados a percepção da experiência relacionada a “possibilidade de atuação fora do setting tradicional”, posto que os estágios em Processos Clínicos realizados por esses estagiários não são necessariamente em uma clínica-escola, mas uma atuação em Psicologia Clínica de forma diferencial na atenção básica.

Esse novo fazer em psicologia clínica vai perpassar uma análise do contexto social dos indivíduos, pois agora o referencial teórico deixará de ser o principal norteador da prática em psicologia dando espaço para o compromisso ético do psicólogo com essas problemáticas do cotidiano. Ademais, a autora ressalta também que nessa nova concepção de clínica deve se entender o ato clínico como algo contextualizado e refletido, tendo a concepção de para quem ele está sendo realizado e onde ele está sendo realizado (DUTRA, 2004).

Também foi retirado da pergunta 1 o fragmento que retrata uma vivência diferente das visões apresentadas pelos outros alunos, em razão de que a estagiária descreveu essas experiências como “angustiantes”.

A angústia que o aluno vivencia em decorrência da aprendizagem do trabalho complexo de psicoterapeuta é enfrentada por meio de um mecanismo de defesa de negação. Essa defesa faz com que o aluno entre em contato com apenas uma parte do que significa atender alguém com sofrimento psíquico, distorcendo o sentido mais abrangente da atividade clínica em psicologia. (BARBOSA; LAURENTI; SILVA, 2013 p. 36)

Com base nesses enfoques apresentados acima, podemos afirmar que as visões das experiências apresentam posicionamentos diferentes, de tal maneira que somente uma das alunas vê essa experiência de estágio como angustiante. Isso nos leva a pensar que não só a subjetividade do paciente estará em evidência naquele momento, mas a do estagiário também terá aspectos de intensidade que vão provocar nele diversos sentimentos.

### **3.2 SUPERVISÃO E OS QUESTIONAMENTOS**

Erthal (2013) aponta que a supervisão é uma forma de avaliar, corrigir e refletir sobre as experiências. Além disso, a autora frisa que cada relação supervisor-supervisando, é dotada de uma condição única da mesma forma que a relação terapêutica possui. O segundo item vai dispor uma discussão sobre a visão dos estagiários quanto a supervisão do estágio e do que essa lhes propõe.

Na pergunta número dois, 3 dos entrevistados afirmaram que a supervisão é para eles aquela que vai dar “direcionamentos”. Em virtude disso, a autora reforça que a supervisão visa fazer com que cada estagiário olhe para dentro de si, para relação pela qual ele estabelece com seu cliente e o vínculo que ele desenvolve com seu supervisor (TAVORA, 2002).

O estagiário necessita dialogar com seu supervisor, uma vez que dessa forma ele poderá compartilhar suas reflexões e dificuldades. Além do mais, esse poderá colocar em prática seus conhecimentos e sua proatividade dentro do campo de estágio, levando em conta que é o estagiário que é o protagonista do seu aprendizado (GUARAGNI; CHAVES, 2017). Um outro estagiário afirmou que a supervisão promove “indicações”, sendo esse um requisito que está incluso dentro dos direcionamentos exposto acima.

Mesmo que utilizando estilos e técnicas diversos, supervisores de psicologia clínica, geralmente solicitam de seus alunos/supervisionandos relatórios e/ou narrativas semanais sobre o atendimento realizado. Esse acompanhamento feito em pequenos grupos de alunos (frequentemente muito menores do que os grupos de uma sala de aula), pode favorecer e promover um pensar sobre as experiências, numa vinculação direta com a prática, sem necessidade da prova-verificação (com conceito/nota), pouco usada (ou efetiva) para avaliar habilidades e atitudes clínicas. (OLIVEIRA-MONTEIRO; NUNES, 2008 p.291)

Então ao mesmo tempo em que o supervisor lida com os questionamentos dos alunos, ela também possibilita mecanismos para intervir, pois ele propõe uma visão holística

que o estagiário necessita para que ele alcance realmente uma postura profissional. A supervisão vai surgir como um ambiente de reflexões e desenvolvimento técnico, sendo que nesse também vai ser constituído um espaço continente às angústias dos estagiários, em um processo constante de (re)construção de sua identidade enquanto profissional e ser (SCORSOLINI-COMIN; SOUZA; SANTOS, 2008).

### **3.3 POSIÇÃO TRANSFERENCIAL**

Antes de tudo, é necessário enfatizar que a posição transferencial não se refere ao fenômeno da transferência em si, mas da implicação desse estagiário diante dessa pessoa ou sujeito que ele se relaciona enquanto profissional. Essa implicação, segundo Merhy (2004) é a forma que você deseja de apostar no agir do mundo de modo militante, ou seja, você não é reduzido a um sujeito integrado ao poder, mas aquele que pensa, aquele que deseja fazer diferente, se move para isso.

Para ressaltar essa visão sobre a implicação, se faz necessário buscar a etimologia da palavra de forma que essa nos leve a entender de que modo esse processo emerge nos estagiários. Figueiredo (1913, p.1073) descreve a implicação como um ato ou efeito de implicar, vem do latim *implicativo*. Ele também define implicar como aquilo que se torna indispensável; sêr incompatível, vindo do latim *implicare*. Esses elementos nos levam ao entendimento de que implicação estaria ligada ao fato de envolvimento, algo que te liga a alguma coisa.

“A mera relação do sujeito com o campo modifica-o, alterando seu objeto (e o próprio sujeito)” (PEREZ et al., 2010 p.191). Por esse motivo se faz relevante pensar essa influência que é exercida sobre nós, haja vista que ela é permeada de uma implicação, de um desejo de estar ali, e por conta disso ao mesmo tempo em que algo nos modifica de forma subjetiva também modificamos o ambiente e as pessoas com quem nós estamos atuando.

Erthal (2013) afirma que esse vínculo que se estabelece não pode ser considerado unilateral, pois existe algo de impactante nessa relação estabelecida entre os dois. Ou seja, é pouco provável que um estagiário de psicologia não se sinta implicado diante das realidades que se justapõem sobre ele no que se refere ao atendimento psicológico dos estágios.

No que tange aos dados analisados deste tópico foram realizados uma primeira análise das respostas, contudo encontrou-se características muito singulares em relação a como tem sido a posição transferencial desses estagiários. Em virtude desse ocorrido, se fez necessário retomar a leitura das transcrições para se refazer mais uma análise visando encontrar características que pudessem ser dispostas nessa pergunta.

Embora se tenha encontrado dados muito singulares sobre essas vivências dos estágios, não foi possível encontrar aspectos que pudessem se corresponder. Logo, a análise desse tópico ficará representada por uma visão que se relaciona mais diretamente com o

cerne da questão, onde um aluno afirma que essa posição permite uma “desconstrução de ideias”. Diante disso, Figueiredo (2009) aponta para tese de que quando se assume um lugar estabelecido dentro do campo psicológico já se está indo além de uma conduta específica de conhecimentos e práticas profissionais, pois esse estará se posicionando acerca dos destinos da sua época.

A prática psicológica permite então que os estagiários questionem a si próprios, entretanto ela propõe que eles se atenham também as questões sociais, econômicas, políticas, culturais e num modo geral a vivência em sociedade, dado que essas também influenciam diretamente essas pessoas que estão sendo atendidas por eles. As representações que o aluno tem quanto ao cliente, advém de suas crenças, valores e conhecimentos adquiridos pela teoria. Contudo, essas representações se modificam, uma vez que a subjetividade humana não se reduz a algo que está determinado.

No atendimento psicoterapêutico é necessário penetrar no mundo do cliente, viver seu papel sem perder o seu ponto de vista. Ademais, é preciso se abster de seus valores e crenças no momento dessa captação (ERTHAL, 2013). Dessa forma, essa desconstrução acontece em um processo de transição de estudante à profissional da saúde mental.

### **3.4 IMPACTO DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO**

Neto (2012) apresenta que sair de um universo dos desvios, das normas, de manuais, diagnósticos e entre outros elementos que sobressaem a prática psicoterápica se faz necessário, uma vez que é preciso considerar o ser humano enquanto imensurável, incomparável e de uma singularidade tamanha. Além disso, ele frisa que essa condição implica na desistência de fazer da psicologia o velho modelo de ciência positivista. Elementos que nos levam a pensar sobre a atuação do psicólogo seja ela no âmbito da clínica ou na comunidade.

Analisando os fragmentos retirados da pergunta de número 4, duas alunas relataram em seus discursos que os pacientes “percebem a sua presença”, isto é, mesmo sendo psicólogos em formação é possível com eles vejam que há um impacto na vida desses indivíduos proporcionados por eles. Oliveira (2015) alega que a relação psicoterapêutica é uma relação singular, onde duas subjetividades se tocam. As vivências no estágio vão proporcionar aos estudantes um contato mais amplo para com a realidade das pessoas, bem como para uma ampliação de sua visão sobre o fazer psicológico (BRANCO; NOGUEIRA-MARTINS, 2007).

Foi retirado o fragmento de duas alunas que se atentaram para o fato do impacto da atuação relacionado ao “conhecimento do psicólogo”, em consequência de que, atualmente, algumas pessoas não conhecem quem são os profissionais da psicologia e quais são suas formas de atuação. Em virtude disso, se faz necessário apresentar o contexto da psicologia

enquanto uma ciência elitizada até meados da década de 60, quando essa se contrapõe a essa visão e começa a ter mais participação nos contextos sociais e vigentes de sua época, atuando nas comunidades (FREITAS, 2016).

Além do mais, a autora também vai enfatizar a questão da postura desse profissional diante dos movimentos sociais em defesa das, até então, minorias vistas pela sociedade da época. Nesse sentido, o profissional deixa de ser aquele que se detém de um saber, para construir um saber entremeio a vários indivíduos nos lócus onde esses residem, percebendo a subjetividade mútua que se dá nesse local. Ou seja, o psicólogo depois de um período confuso de sua atuação passa a estar em locais onde há uma demanda que carece de sua característica holística, de seus mecanismos subjetivos para proporcionar o melhor suporte.

Martin-Baró (1996) destaca que se por um lado o psicólogo não é convocado a intervir nos mecanismos socioeconômicos, por outro lado ele tem a capacidade de intervir em processos subjetivos. Nos princípios fundamentais do código de ética profissional, afirma-se no terceiro princípio que “O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005 p.7).

O processo de atendimento clínico precisa explorar uma dimensão da doença em seu ambiente social, histórico e cultural, uma vez que essa pessoa possui experiências e percepções acerca das suas vivências (SOUTO; PEREIRA, 2011). Diante disso, é pouco provável, afirmar que o psicólogo não modifica as realidades das pessoas que ele atende, haja vista que esse promove algum tipo de benefício com a sua atuação. O psicólogo se molda a partir de cada subjetividade que lhe é compartilhada, de tal maneira que isso seja um ganho tanto para ele quanto para os seus clientes.

### **3.5 MUDANÇAS**

Esse tópico reforça a discussão acerca das mudanças que acontecem na vida pessoal e profissional dos estagiários a partir do início dos estágios. No primeiro momento em que foi analisado as respostas deste item, não foi possível correlacionar aspectos entre as respostas dos estagiários, já que elas possuíam especificidades do que esse momento significa para cada um dos psicólogos em formação.

Segundo Sá, Azevedo Junior e Leite (2010) a expectativa que os alunos possuem quando ingressam no estágio é permeada por uma motivação de um fazer clínico e pela experiência de envolvimento com a prática. Ademais, os autores apontam que sempre há uma ansiedade para com esse momento, uma vez que essa ansiedade atravessa o estudante gerando nele medos e fantasias frente ao encontro clínico com o outro e da situação de exposição relacionada a supervisão.

Sendo assim, com vistas a alcançar um estudo bem claro foi realizado mais uma busca nas transcrições, por motivo de que poderia se alcançar uma síntese do que seria realmente essa mudança que causa afetação em grande parte dos estagiários. Foi encontrado um fragmento onde um dos alunos argumenta que o estágio proporciona a “percepção de si”, ou seja, essa percepção de ser psicólogo, de atender as pessoas, de lidar com as suas questões pessoais e com as dos outros.

Com base nessa argumentação sobre a proporção que o estágio submete os alunos, é preciso entender que se lida com pessoas, e, portanto, esses significados, histórias, dilemas, dramas e entre outras questões vão emergir em algum momento. Nesse sentido, os cursos de Psicologia enfatizam que é necessário estar na psicoterapia, devido ao fato de que essas histórias vão se entrelaçar, cabendo ao psicólogo o manejo dessas.

Na Psicanálise fala-se de Contratransferência, onde o autor frisa que é um “conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisado e mais particularmente à transferência [...]” (LEITÃO, 2003 p.181). Na Gestalt é o termo curador ferido que emerge na terapia quando o cliente aborda algo que se relaciona com experiência de vida pessoal do terapeuta. Desse modo, esse é o momento de o cuidador colocar sua vida entre parênteses, suspender seus juízos quanto aquilo que lhe é apresentado, dado que o que se valoriza na Gestalt-Terapia é a relação de contato genuíno entre cliente e terapeuta (FREITAS, 2016 p.101).

Não devemos compreender nossos clientes enquanto partes fragmentadas, em consequência de que não é a angústia de um que procura por atendimento ou da outra que possui depressão e necessita de atenção psicológica. Todos em sua complexidade precisam de ajuda, em razão de que a subjetividade de cada cliente possui um caráter muito singular (BAUNGART, 2015).

O estágio é um espaço de elaboração emocional, intelectual e reflexiva precioso, uma oportunidade para se construir caminhos de um exercício profissional comprometido com a realidade social vigente, ancorado nos conhecimentos acadêmicos adquiridos. (PEREIRA et al., 2018 p.222)

O estágio é um espaço de trabalhar essas questões, pois a supervisão suprirá demandas que o estagiário não consegue lidar por conta de ser algo alcançado através de experiências profissionais futuras. Além do mais, a psicoterapia é um dos pontos mais ressaltados em todo o curso, pois essa auxilia o estagiário ou até mesmo o profissional já formado, lidar com esses temas e não associar ao setting terapêutico. As mudanças que o estágio em processos clínicos proporciona a esses alunos revela o significado que a psicologia tem para cada subjetividade que ela toca, e, portanto, torna-se complexo delimitar algo que se correlacione.

### 3.6 DILEMAS ÉTICOS

Falar de ética significa falar da liberdade (VALLS, 1994 p.48). Mas, que liberdade é essa? Segundo o autor, a norma nos diz como agir, todavia, pode-se não agir demonstrando que a ética está permeada de múltiplas interpretações e questões como: culturais, econômicas, políticas, sociais, religiosas etc.

Com base nos dados coletados o nosso propósito é questionar esses dilemas éticos que perpassam não só a atuação dos estagiários, mas tornam-se ensinamentos que serão levados para a prática clínica enquanto psicólogos. A ética é um dilema permanente de nossas vidas, todavia é algo que se aprende fazendo e vivenciando os desafios que essa nos coloca a todos os momentos (OLIVEIRA, 2015).

Bernardi (2010) afirma que as nossas ações se dão em nós e estão entre nós, pois elas emergem a partir dos valores que possuímos, dos posicionamentos e de como nós paramos para olhar e escutar as pessoas. Desse modo, pode-se pensar que o objetivo da ética não é o de impor regras, mas de dar mecanismos, possibilitar vias de acesso a algo, bem como nos proporcionar reflexões sobre temas cotidianos que nos rodeiam.

Nos fragmentos retirados do tópico de número 6, identificamos através da fala de 2 alunas um dilema ético em relação ao “sigilo”, sendo esse um dos dilemas que permeia grande parte da conduta profissional do psicólogo no cotidiano. O artigo nono do código de ética profissional do psicólogo salienta sobre seus deveres, onde-se afirma que “É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005 p.13).

“Um código de ética profissional não se configura enquanto um instrumento normatizador de natureza técnica, mas enquanto um dispositivo de reflexão e orientação” (AYRES; BARREIRA, 2014 p.40). Dessa maneira, os autores abordam que se acredita que qualquer intervenção realizada pelo profissional exige uma postura ética no primeiro momento, sendo que para além dessa postura profissional, o psicólogo deve assumir um papel de cidadão engajado.

Ou seja, a questão aqui não é elevar o sigilo enquanto um vilão, mas entender que ele faz parte de todo um sistema de proteção desse cliente que se apresenta diante de nós. Bernardi (2010) vai articular a noção da ética no sentido da autopoiese de Maturana e Varela (1998), sendo essa uma postura de produzir a si próprio, através de uma auto-organização e autocriação. Desse modo, a autora salienta sobre o fato de a ética dos profissionais de psicologia se embasar nessa noção de autopoiese, onde construímos a nossa ética no dia a dia, nas contradições e nos valores que nos atemos.

Seria contrária a essa noção de que a ética está estabelecida enquanto uma regra a ser seguida, algo padronizado, ou seja, essa ética deontológica. Na visão da autora a ética

não necessita de uma postura enrijecida, mas sim de olhares mais amplos para questões abstratas da contemporaneidade. O próprio código ressalta em vários pontos que devemos olhar para a realidade social, e, portanto, olhar para essa realidade seria estar sempre se renovando, já que as vivências têm um caráter de plasticidade e flexibilidade em relação a todas as questões que permeiam a ética dentro de uma temporalidade.

O segundo fragmento retirado dessa pergunta foi destacado por 2 alunas tendo como dilema “não fazer julgamentos”. O problema não é ter gostos, posicionamentos, crenças e valores, mas trazê-los para o setting clínico. Além disso, o psicólogo deve sim abordar tais temas, entretanto ele deve compreender o sentido e a forma como esses temas estão presentes na vida do seu paciente, e se cabe a ele fazer essa abordagem (TORRES, 2015).

Na atuação enquanto estagiários a ética será evidenciada pela maneira como se trabalha as questões que surgem no atendimento, de tal maneira que isso possa ser manejado pelos estagiários e identificado como algo a ser debatido nas pautas da supervisão ou com os próprios professores e colegas de estágio. Os preceitos que estão no código não têm de serem tomados como um referencial, um norteador interno da conduta profissional, mas sim algo externo que está para além de minúcias (OLIVEIRA, 2015).

Kant (2018) vai apresentar os deveres de benevolência, onde exigem com que as ações sejam voltadas para uma bondade ética. Ele vai destacar que os deveres de obrigatoriedade exigem apenas ações obrigatórias. Desse modo, quando o autor argumenta acerca dos deveres de benevolência, necessariamente ele não aponta para a ética enquanto aquela que vai sanar os problemas em sociedade, e nem aquela que compete a definir um bem. Essa ética organiza, encaminha, determina as ações que devem ser seguidas respeitando condições básicas da humanidade.

Em suma, toda essa reflexão acerca da questão da ética é de tentar um possível entendimento quanto ao fazer que os estagiários necessitam construir ao longo de todo o percurso acadêmico. Assim sendo, é possível perceber que a ética faz parte do cotidiano de todos os profissionais, contudo reiterando a fala de Valls (1994) a ética é uma reflexão em relação as regras morais, logo, essa passa a ser seguida de acordo com uma visão de moral que a sociedade tem acerca dos fenômenos, mesmo que esses possam ser imposições, valores deturpados ou negligências das mais variadas formas etc.

Apesar de encontramos dados que se correlacionaram em algumas das perguntas, percebemos que as respostas do estágio em Processos clínicos em Psicologia são bem singulares de um aluno para o outro. Por conseguinte, esses aspectos auxiliaram para que o estudo pudesse proporcionar uma discussão mais dinâmica e sucinta, haja vista que esses estágios acontecem em um processo que levanta vários assuntos para discussão.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desse estudo era o de possibilitar uma reflexão sobre o estágio em Processos Clínicos em Psicologia e a sua relação com a ética. Ademais, também se tinha como propósito dentro desse objetivo estabelecer uma conexão entre a teoria e prática, e a busca por parâmetros a se seguir em relação a esses aspectos apresentados.

Percebe-se que a teoria e prática dentro do campo dos processos clínicos é percebida a todo momento enquanto se atua nos estágios, posto que é necessário recorrer as noções apresentadas no ensino teórico como: realizar um bom exame psíquico; uso de técnicas; construção de um caso clínico por meio de leituras, debates e reflexões que emergem diante da supervisão; testes psicológicos e entre outras questões. Ou seja, a teoria e a prática estão ligadas nesse processo permitindo com que o estagiário possa alcançar um fazer em psicologia que é construído, pois não há um molde que todos possam tomar para si.

Dutra (2004) destaca que o referencial teórico deixa de ocupar o espaço essencial de norteador da prática, sendo ocupado agora pelo compromisso ético do psicólogo. Com essa visão exposta pode-se afirmar que o referencial nunca deixa de ser o norteador do estagiário, no entanto esse deve caminhar por uma via heterogênea onde ele percebe as contradições e meios de que a sua atuação promova algo em uma insuficiência que carece do profissional.

No que concerne aos parâmetros fica claro que é necessário perceber o seu papel naquele campo, e, portanto, o estagiário deve se deter de uma visão de homem onde ele percebe as realidades a partir de um referencial que ele toma para si enquanto uma verdade. Além do mais, esses parâmetros precisam estar dentro de uma ótica onde se visa os condicionantes sócio históricos como influência parcial ou geral na vida daquelas pessoas.

O estagiário deve olhar para essas pessoas e entender que há uma anterioridade que transpassa esse homem, pois ele é construído no meio social e esse tem grandes influências sobre ele. Nesse sentido, buscar parâmetros se reduz a pensar na história da psicologia e nas suas implicações no campo político, ideológico e teórico para esclarecer esses impasses relacionados a vida social e cultural (BRANCO, 1998).

Quando o estagiário começa a perceber que as influências advindas do mundo externo se tornam fatores desencadeantes de inúmeras questões dentro da sua atuação, ele consegue enxergar além da teoria, pois vê que é necessário estar presente naquele campo e agir com ética e responsabilidade para com as pessoas. Portanto esse fazer ético dentro dos Processos Clínicos em Psicologia pode gerar nesse aluno um desejo de ser útil, estabelecer essa concepção generalista, bem como promover nele uma reflexão ampla sobre os dilemas e questões sociais que atravessam a conduta profissional todos os dias, sejam elas dentro da clínica ou nas demais formas em que ele atua enquanto um profissional implicado com a saúde mental.

## 5. REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Ana Maria de Barros et al. **A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia.** Psicol. USP, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000.

AYRES, Lygia S. Maria; BARREIRA, Mariana C. Botelho. **Diálogos entre a Ética e a Psicoterapia.** In: Lygia Santa Maria Ayres [et al.]. *Ética e Psicologia: reflexões do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, 2014. 92 p.

BARBOSA, Fernanda Doretto; LAURENTI, Maria Aparecida; SILVA, Miguel Mello. **Significados do estágio em psicologia clínica.** Encontro Revista de Psicologia, v.16, n. 25, p.31-53, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDI, Cláudia Maria Canestrine do Nascimento. **O lugar da ética na formação do psicólogo: cuidado e autopoiese.** 2010. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BRANCO, Maria Teresa Castelo. **Que Profissional queremos formar?** Psicologia Ciência e Profissão, 1998, 18 (3), 28-35.

BRANCO, Rosélia Bezerra; NOGUEIRA-MARTINS, Maria C. Fantini. **Psicólogos em Formação: Vivências e Demandas em Plantão Psicológico.** Psicologia Ciência e Profissão, 2007, 27 (1), 64-79.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005. Aprova o **Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2019.

CURY, Bruno de Moraes; FERREIRA NETO, João Leite. **Formação do psicólogo e estágios curriculares: um estudo de caso realizado na Puc/Minas.** Laplage em Revista (Sorocaba), vol.5, n.1, jan.-abr. 2019, p.30-43.

DUTRA, Elza. **Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade.** Estudos de Psicologia 2004, 9 (2), 381-387.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. **Trilogia da Existência: Teoria e Prática da Psicoterapia Vivencial.** 1 ed. Curitiba: Aporia, 2013.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Nova edição essencialmente refundida, corrigida e copiosamente ampliada. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913. Vol I.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREITAS, Júlia R. C. Bittencourt de. **A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica.** Revista IGT na Rede, v. 13, nº 24, 2016. p. 85 – 104.

GUARAGNI, Cristiane; CHAVES, Alice Grasiela C. Rezende; **Estágio Supervisionado: uma pesquisa com estudantes de psicologia.** Revista Destaques Acadêmicos, Lajeado, v. 9, n. 3, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 120 p.

KANT, Immanuel. **Lições de Ética**. Tradução: Bruno Leonardo Cunha, Charles Feldhaus; São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

LEITÃO, Leopoldo Gonçalves. **Contratransferência: Uma revisão na literatura do conceito**. *Análise Psicológica* (2003), 2 (XXI): 175-183.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. **O papel do psicólogo**. *Estudos de Psicologia* 1996, 2(1), 7-27.

MERHY, Emerson Elias. **O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido**. In: Túlio Batista Franco; Marco Aurélio de Anselmo Peres (Orgs.) *Acolher Chapecó. Uma experiência de mudança no modelo assistencial, com base no processo de trabalho*. São Paulo: Editora Hucite, 2004, v.1, p.21-45.

NETO, Alfredo Naffah. **O psicólogo clínico**. In: Silvia T. M. Lane; Wanderley Codo (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.181-194.

OLIVEIRA, Andréia Elisa Garcia. **Rose Queria Falar Sobre Ética**. In: Gláucia Teles Sales (org.) *Clínica de Psicologia para Recém-Formados: experiência inicial sob os cuidados de abordagens maduras*. Campinas – SP: Ed. do Autor, 2015.

OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de; NUNES, Maria Lucia Tiellet. **Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?** *Psico-USF*, v. 13, n. 2, p. 287-296, jul./dez. 2008.

PARANHOS, Mariana Esteves; WERLANG, Blanca Susana Guevara. **Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida**. *Psicol. cienc. prof.* 2015, vol.35, n.2, pp.557-571.

PEREIRA, Maristela de Souza et al. **Estágio Profissionalizante e Formação em Psicologia: o Trabalho com Grupos como Dispositivo Formativo**. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/jun. 2018 v. 38 n°2, 218-232.

PEREZ, Ana Carollina et al. **Da ética e da formação: cartografando práticas para além das normas**. In: Carlos Eduardo Nórté, Raiana Micas Macieira, Ana Lucia de Lemos Furtado. *FORMAÇÃO: ética, política e subjetividades na Psicologia*. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 2010. 200 p.

SA, Roberto Novaes de; AZEVEDO JUNIOR, Oditon; LEITE, Thais Lethier. **Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário**. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 135-140, dez. 2010.

SALGADO, Priscila Camile Barioni. **Contextualizando A Prática Clínica Sob o Enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa**. In: Gláucia Teles Sales (org.) *Clínica de Psicologia para Recém-Formados: experiência inicial sob os cuidados de abordagens maduras*. Campinas – SP: Ed. do Autor, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SOUZA, Laura Vilela; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Tornar-se psicólogo: Experiência de estágio de Psicooncologia em equipe multiprofissional de saúde**. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 2008, 9 (2), pp. 113-115.

SOUTO, Bernadino Geraldo Alves; PEREIRA, Sissi Marília dos S. Forghieri. **História clínica centrada no sujeito: estratégia para um melhor cuidado em saúde.** Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde, v.36, n.3, p. 176-181, 2011.

TAVORA, Mônica Teles. **Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC.** Psicol. estud. 2002, vol.7, n.1, pp.121-130.

TORRES, André Roberto Ribeiro. **Posicionamentos, Opiniões e Ideologia: Tabus da Clínica Psicológica.** In: Gláucia Teles Sales (org.) Clínica de Psicologia para Recém-Formados: experiência inicial sob os cuidados de abordagens maduras. Campinas – SP: Ed. do Autor, 2015.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética.** 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

### **Sobre os autores:**

<sup>1</sup> Centro Universitário Redentor, Psicologia, Itaperuna/RJ [matheusmiranda936@gmail.com](mailto:matheusmiranda936@gmail.com)

Centro Universitário Redentor, Psicologia, Itaperuna/RJ [guielias12@gmail.com](mailto:guielias12@gmail.com)

Centro Universitário Redentor, Psicologia, Itaperuna/RJ [polianasalvista@yahoo.com.br](mailto:polianasalvista@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Psicóloga. Mestre em Ensino (UFF); Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Redentor, Itaperuna/RJ.

<sup>3</sup>Psicóloga. Mestre em Cognição e Linguagem (UENF); Doutora em Saúde Mental (IPUB/UFRJ); Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Redentor, Itaperuna/RJ.